

Amor, coragem!

dilemas e possibilidades na relação com estudantes em tempos de pandemia

Love, courage!

dilemmas and possibilities within students' relations in pandemic times

¡Amor, coraje!

dilemas y posibilidades en la relación con los estudiantes en tiempos de pandemia

SHIRLEI REZENDE SALES*

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.

GISLENE RANGEL EVANGELISTA**

Secretaria Municipal de Educação, Santa Luzia-MG, Brasil.

RESUMO: Dentre as iniciativas de compreensão dos desafios do presente, desenvolveu-se a pesquisa *Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia*. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário. Dentre as informações produzidas, no presente artigo analisamos aquelas referentes à relação com as/os estudantes. A pandemia impôs uma série de desafios para a escola em que a relação com as/os estudantes foi comprometida. Mesmo diante das adversidades, defendemos que há caminhos possíveis para a construção de práticas curriculares adaptadas às novas exigências.

Palavras-chave: Relação com estudantes. Pandemia. Dilemas. Possibilidades.

* Pós doutora pela University of Illinois at Urbana-Champaign e Doutora em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, mesma instituição na qual atualmente é professora da Faculdade de Educação. *E-mail:* <shirlei.sales@hotmail.com>.

** Mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Geras, mesma instituição na qual atualmente é doutoranda em Educação. É coordenadora do Ensino Fundamental I e EJA na Secretaria Municipal de Educação de Santa Luzia-MG. *E-mail:* <gislenearangel@gmail.com>.

ABSTRACT: Among the initiatives to understand the challenges in the present, the research *Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia* was developed. Data collection occurred through a questionnaire. In the present article, we analyze information referring to students' relations among what was produced. The pandemic imposed a series of challenges for the school in which the school-student relations were compromised. Even in the face of adversity, we argue that there are possible ways to build curricular practices adapted to the new requirements.

Keywords: Students' relations. Pandemic. Dilemmas. Possibilities.

RESUMEN: Entre las iniciativas para comprender los desafíos del presente, se desarrolló la investigación *Docencia en educación básica en tiempos de pandemia*. La recolección de datos se realizó mediante un cuestionario. Entre las informaciones producidas, en el presente artículo analizamos aquellas referentes a la relación con los estudiantes. La pandemia impuso una serie de desafíos para la escuela en los que la relación con los estudiantes se vio comprometida. Incluso ante la adversidad, argumentamos que existen caminos posibles para la construcción de prácticas curriculares adaptadas a los nuevos requerimientos.

Palabras clave: Relación con los estudiantes. Pandemia. Dilemas. Posibilidades.

A pandemia e as/os estudantes no Brasil

2020. O cenário vivido lembra o roteiro de qualquer filme apocalíptico. Poucas pessoas nas ruas, a maioria usando máscaras de proteção prescritas para mitigar as chances de contágio. Os contágios são múltiplos, como as temidas doenças, especialmente a Covid-19 da qual ainda se sabe muito pouco. Mas as máscaras dificultam também os contágios felizes, aqueles que nos inspiram a gargalhar junto, a retribuir um sorriso. As expressões faciais estão encobertas. É difícilimo demonstrar a mais simples manifestação de gentileza ou contentamento. Felizmente nos restam os olhares. Mas eles também seguem tensos, em busca de detectar possíveis riscos de contaminação, de adoecimento. Eles parecem atônitos com tudo o que veem e com o que estão impossibilitados de ver. Seja o próprio vírus em sua microscópica ameaça ou as expressões faciais ocultadas pelas máscaras, que tentam bloquear a passagem do quase desconhecido patógeno.

Com a quarentena imposta e as inúmeras regras dos protocolos sanitários, quem teve o privilégio de poder se proteger em casa ficou ali enclausurada/o. Limitada/o em

sua mais proclamada liberdade de ir e vir. Retida/o. Detida/o. Controlada/o. Contida/o. Isolada/o. Confinada/o.

Muitas são as restrições impostas. Não se pode mais aproximar. O toque foi banido. Apertos de mão, abraços e beijos são proibidos. As aglomerações não devem mais acontecer. Festas, churrascos, almoços de família são interditados. O trabalho que pode ser realizado remotamente foi transferido para o ciberespaço. As aulas foram suspensas.

Inicialmente, houve uma certa euforia entre nós com a desejada possibilidade de desfrutar um pouco de ócio. Em uma sociedade acelerada em quase todas as suas práticas, ficar uns dias em casa parecia um presente. Representava uma dádiva dispor de mais tempo junto daquelas/es que amamos, vendo filmes, lendo literatura, ouvindo música, cuidando das plantas, papeando vagorosamente com as/os mais velhas/os, brincando com as crianças, afagando os animais de estimação, cozinhando receitas saborosas, enfim, fazendo coisas que desejamos e que por vezes relegamos para os tempos das férias ou da cada vez mais inalcançável aposentadoria.

Mas a tristeza rapidamente tomou conta dos nossos dias. A economia foi drasticamente abalada. O empobrecimento radicalizado. O desemprego galopou em disparada. Os apavorantes números de contaminadas/os e mortas/os inundavam nossos pensamentos. Aos poucos foram deixando de ser números e transformaram-se em nomes conhecidos e alguns deles muito amados. O desespero, a angústia, o luto nos invadiram. Mas esses não eram os únicos sentimentos. Fomos tomadas/os pelo imenso desejo de superar tudo isso, de nos salvar, de descobrir a cura, de produzir a vacina e construir alternativas possíveis. Os mais diversos tipos de arte explodiram no ciberespaço. Se multiplicaram ali. Foram exponencialmente compartilhados. E em alguma tela foi possível se deparar com um poema, um vídeo, uma música, uma dança, um espetáculo, uma pintura, uma fotografia, algo que nos emociona, nos sensibiliza, nos fortalece, enche de esperanças e afeta. Assim fomos sobrevivendo. Diante de um contexto completamente adverso, hostil e instável, era preciso encontrar brechas para viver de um novo modo. Inventar outras formas de nos conduzir. Além de nos prevenir da doença, era preciso construir caminhos para nos manter emocionalmente saudáveis. Precisávamos criar novas formas para realizar as tarefas cotidianas. Precisávamos prosseguir com as nossas atividades. Necessitávamos retomar as aulas. Para isso foi preciso repensar as práticas curriculares.

Muitas alternativas foram inventadas. Aula remota. Via internet. Via telefone. Via televisão. Via material impresso. Mas inúmeros são os problemas, os desafios e as injustiças. A famigerada e intolerável desigualdade social e econômica do País foi escancarada pelos abismos entre estudantes. Foram mais acentuados os privilégios de quem podia ficar em casa, com internet banda larga, um computador pessoal e a respectiva família a garantir a assistência, sempre imprescindível. Mas era preciso pensar naquelas/es alunas/es que miseravelmente não dispunham de nenhuma condição mínima. Cada tentativa de equacionar algum elemento da complexa relação estudante-conhecimento escolar

se mostrava ainda mais desafiadora. Era preciso acima de tudo garantir a vida. Era preciso ainda assegurar o direito à educação de qualidade. Era preciso não deixar ninguém para trás. Impossível listar aqui, nos limites deste artigo, todos os desafios enfrentados. Para começar a traçar estratégias e políticas educacionais para enfrentá-los era necessário conhecer mais de perto o tamanho e a extensão do problema. A ciência era o caminho mais acertado. Muitas pesquisas foram iniciadas.

Uma dessas iniciativas foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG), em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que deu origem à pesquisa *Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia*. O objetivo foi analisar os impactos sobre o trabalho docente na educação básica pública, decorrentes das medidas de isolamento social em função da pandemia de Covid-19. “A coleta de dados ocorreu por meio de questionário *on-line* autoaplicado, disponibilizado na plataforma *Google Forms*. Os dados foram coletados no período de 8 a 30 de junho de 2020 [...] A amostra da pesquisa foi constituída por 15.654 professores (as) das redes públicas da Educação Básica” (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 6).

Dentre as informações produzidas pela pesquisa, no presente artigo analisamos aquelas referentes à relação com as/os estudantes. Com base nas informações obtidas na pesquisa, argumentamos que a pandemia impôs uma série de inusitados desafios para a escola básica, em que a relação com as/os estudantes se viu duramente comprometida por dificuldades diversas advindas das desigualdades econômicas e sociais. Tais desigualdades são radicalmente expostas na falta de acesso a recursos como internet e dispositivos eletrônicos. Soma-se a isso a dificuldade em realizar as adaptações curriculares necessárias ao ensino remoto, redundando em diminuição da participação das/os estudantes. Mesmo diante de toda essa adversidade, defendemos que há caminhos possíveis para a construção de práticas curriculares ajustadas às novas exigências. Afinal, concordamos com Inês Teixeira (2007, p. 431) de que “a relação docente/discente contém sempre a esperança”.

Para melhor compreender os dados da pesquisa *Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia*, no tocante à relação com as/os estudantes, apresentamos, a seguir, um panorama geral acerca de quem são as crianças e jovens que compõem o universo estudantil das redes públicas de ensino do Brasil. De acordo com o último Censo Escolar, em 2019 foram registradas 38.739.461 matrículas nas escolas públicas brasileiras, 86% dessas matrículas na zona urbana e 14% na zona rural (CENSO, 2019). Nesse montante encontram-se as matrículas na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, etapas que compõem a educação básica e atendem à faixa da escolarização obrigatória que compreende os alunos dos 4 aos 17 anos de idade. Também estão contempladas/os, no número total de matrículas, as/os estudantes que se encontram em distorção idade-série, ou seja, aquelas/es que se encontram em atraso em relação à etapa de ensino frequentada.

A distorção idade/série é mais comum nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Um dos fatores principais para essa ocorrência é a questão socioeconômica e o ingresso de estudantes no mercado de trabalho. As condições socioeconômicas desfavoráveis na rede pública de ensino no Brasil foram constatadas na *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, produzida pelo IBGE a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua de 2012 a 2018:

Na educação básica, a rede pública é composta majoritariamente por estudantes dos dois quintos da população com os menores rendimentos [domiciliar *per capita*], enquanto na rede privada esse padrão se inverte. Por exemplo: somente 5,6% dos estudantes da rede pública de ensino médio pertenciam aos 20% da população com os maiores rendimentos, enquanto 46,7% dos estudantes da rede privada faziam parte desse quinto da população (IBGE, 2019, p. 83).

A questão socioeconômica é um fator importante que nos ajuda a pensar nos desafios impostos pela pandemia. Estudantes com condições econômicas desfavorecidas acabam por enfrentar mais dificuldades em acompanhar os novos formatos de ensino remoto, tendo em vista que, muitas vezes, esses possuem a exigência do uso de recursos tecnológicos para garantir a continuidade dos processos de ensino-aprendizagem.

As dificuldades em possuir aparelhos eletrônicos e internet de qualidade para acessar materiais de aula disponibilizados por meio eletrônico se acentuaram durante a pandemia, mas as desigualdades digitais já se mostravam um desafio antes mesmo do coronavírus chegar. Os dados de uma pesquisa divulgada pela Fundação Telefônica Vivo, realizada em parceria entre a Rede Conhecimento Social e o Ibope Inteligência, vem mapeando os hábitos das/os jovens na era digital desde 2013. Na edição de 2019, a pesquisa foi intitulada *Juventudes e Conexões* e apontou, entre outros aspectos, desigualdades no acesso às tecnologias digitais (aferido a partir do acesso à internet), considerando níveis sociais, regiões do Brasil e grau de instrução.

Tais dados corroboram com os resultados apresentados pela pesquisa *Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia*. Pensando na relação dessas/es estudantes com a escola pública brasileira e o ensino à distância imposto pela pandemia da Covid-19, na visão das/os docentes que participaram da pesquisa desenvolvida pelo Gestrado/UFMG e o CNTE, o percentual de estudantes que não têm acesso aos recursos necessários para acompanhar as atividades remotas é considerável. Segundo dados da pesquisa, na educação infantil 36,7% das/os estudantes não têm acesso aos recursos necessários. No ensino fundamental o percentual é de 37,5% nos anos iniciais e 37,8% nos anos finais. Já no ensino médio, o percentual de estudantes que não têm acesso às ferramentas necessárias para acompanhar as aulas é de 32,5% (GESTRADO-CNTE, 2020, p.12). Esses dados são importantes para nos ajudar a refletir sobre algumas dificuldades enfrentadas pelas crianças e jovens para acompanhar as atividades de ensino remoto às quais foram submetidas de

forma abrupta. Esses e outros dilemas da educação em tempos de pandemia serão tratados a seguir.

Dilemas da educação em tempos de pandemia

No início do mês de março de 2020 a vida seguia seu fluxo e não imaginávamos o quanto precisaríamos esperar. Naquele mês, um dia normal de aula chegava ao fim em várias escolas espalhadas pelo Brasil. A professora introduziu o conteúdo e explicou à turma que esse tema seria aprofundado ao longo da semana. Passou a lição e deu orientações para um trabalho em grupo valendo pontos para o trimestre. As/os estudantes se despediram e deixaram marcada a reunião do grupo para realizar o trabalho da aula de geografia. As brincadeiras e zoações seguiam um ritmo comum de um ambiente escolar. Ao chegar em casa, as notícias nos jornais davam conta do agravamento das contaminações provocadas pelo coronavírus no Brasil. O telefone apita, é o grupo de whatsapp da escola informado a suspensão das aulas. Nas redes sociais não se fala em outra coisa. Primeiro parou uma escola, depois duas, três, quatro, todas! A professora não poderá dar continuidade ao trabalho amanhã, a lição ficou para outro dia. Que dia? Ninguém sabe. Mas e a prova marcada para semana que vem? E as notas? Vamos perder o trimestre? O semestre? O ano? Professora, que dia as aulas voltam?

As aulas presenciais nas escolas das redes públicas e privadas foram suspensas em virtude da pandemia. Desde então, a vida ganhou uma série de questionamentos como os descritos acima. Desde a chegada do coronavírus no País, todos os dias somos interpe-ladas/os por tantas perguntas que não sabemos responder e as incertezas só aumentam. Sem nenhum aviso prévio, as escolas tiveram que fechar suas portas e a comunidade escolar se viu frente a uma situação completamente nova, que se traduz por meio da seguinte questão: como será a relação com as/os estudantes em tempos de pandemia?

No dia 28 de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou por meio do Parecer CNE/CP nº 5/2020 (BRASIL, 2020) as diretrizes que orientam as escolas de educação básica e as instituições de ensino superior sobre as atividades durante a pandemia. De acordo com o documento, cada sistema, rede ou instituição de ensino tem autonomia para elaborar os calendários, e as atividades não presenciais tornaram-se alternativa para diminuir a necessidade de reposição de aulas presencialmente e dar continuidade ao ano letivo. Segundo nota emitida pelo Ministério da Educação (MEC), os sistemas de ensino foram autorizados a computar “atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual” de acordo com deliberação própria de cada sistema (BRASIL, 2020, p. 2). Nesse sentido, o CNE listou uma série de atividades não presenciais que podem ser utilizadas pelas redes de ensino durante a pandemia. Tais como: Meios digitais, videoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio, material didático impresso e entregue aos pais ou responsáveis (BRASIL, 2020, p. 8-9).

Diante do novo cenário, a relação das/os estudantes com a escola ganhou outro contorno. Na impossibilidade de aulas presenciais, as redes de ensino criaram plataformas digitais, organizaram grupos *online*, utilizaram as redes sociais e fizeram emergir uma escola que vai além dos espaços físicos, que se constitui em rede, no ciberespaço. A relação da/o estudante com a escola também mudou.

De acordo com a pesquisa *Trabalho Docente em tempos de Pandemia*, o trabalho remoto tornou-se um imperativo do fazer docente. Segundo a pesquisa, 84% das/os professoras/es afirmaram que passaram a desenvolver atividades de ensino de forma remota. Esses dados indicam que em muitas escolas as atividades não presenciais têm sido ofertadas às/aos estudantes. O ensino remoto, de uma escola em rede e a relação com as/os estudantes tem sido amplamente debatida por várias/os pesquisadoras/es. Sob diferentes perspectivas, denuncia-se que nesta relação não são incluídas/os todas/os as/os estudantes. Essa é advertência feita pelas pesquisadoras Vivian Martins e Joelma Almeida (2020, p. 216), que consideram “[...] a opção de cômputo de atividades pedagógicas não presenciais para fins de cumprimento da carga horária problemática e inapropriada, tendo em vista a desigualdade social brasileira, sobretudo acerca do acesso (ou não) à conexão”.

Tais desigualdades foram evidenciadas na pesquisa *Trabalho Docente em Tempos de Pandemia*. Ela constatou que tanto professores/as quanto alunos/as enfrentam dificuldades em acessar e em desenvolver as atividades escolares remotamente. A média de estudantes que não têm acesso aos recursos necessários para acompanhar as aulas está entre 22,9% a 29,2%, variando de acordo com a etapa de escolarização. Segundo o relatório da pesquisa “1 a cada 4 estudantes não possui acesso aos recursos para acompanhamento das aulas e realização das atividades” (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 19).

Apesar de séria, a dimensão das desigualdades e os desafios em contemplar o maior número de alunas/os não são os únicos problemas da relação entre estudantes e escola. Há algum tempo as pesquisas vêm apontando um descompasso nessa relação. Refletindo sobre isso, Gislene Evangelista (2016) argumentou que há um desajuste na relação aluna/o-escola no que se refere aos sentidos que as/os educandas/os atribuem às instituições de ensino. Muitas vezes “os objetivos da escola não se alinham com os objetivos dos/as alunos/as e isso gera alguns conflitos como indisciplina e falta de interesse” (EVANGELISTA, 2016, p. 134).

Para as/os estudantes, a escola é muito mais que um espaço para aprender conteúdos curriculares. A escola é um lugar para vivenciar experiências de relações sociais entre grupos de amigas/os. A sociabilidade é um sentido fortemente atribuído a ela (DAYRELL; CARRANO, 2014). Se a proposta de ensino remoto estiver restrita à realização de atividades conteudistas, cujo sentido pode não estar dado para as/os alunas/os, a dimensão da sociabilidade se perde e a/o estudante precisará encontrar outras razões para manter o interesse pelos estudos.

Há tempos pesquisadoras/es vêm problematizando os modos como as crianças e jovens constroem uma relação com o conhecimento, como elas/es aprendem. Uma das dimensões bastante enfatizadas é a importância de que as/os estudantes construam um sentido para os conteúdos estudados. Essa produção de sentido é pautada em diferentes âmbitos, vamos nos ater aqui aos aspectos relativos ao currículo escolar.

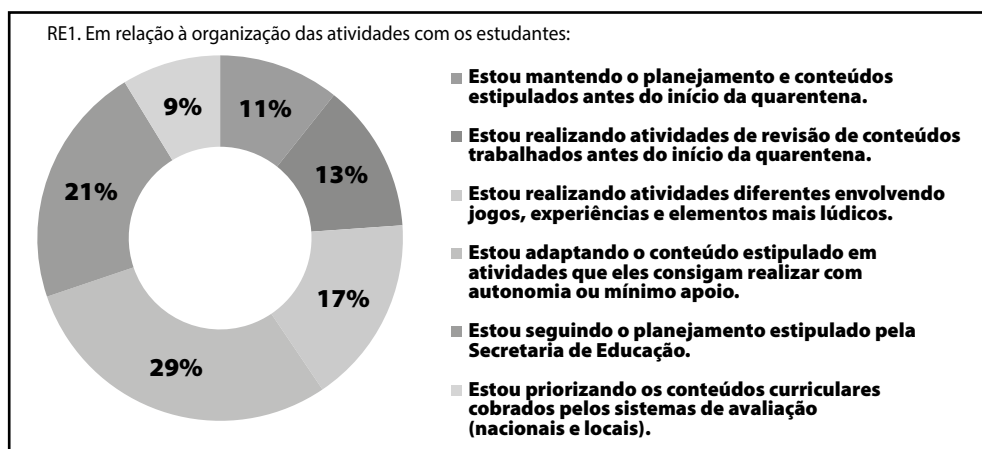
Há muito se denuncia que o currículo é

território povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações (de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários), de divisões (de tempo, espaço, áreas, conteúdos, disciplinas, aprendizagens, tipos, espécies...) (PARAÍSO, 2010, p. 588).

Essas características de um currículo-forma têm sido apontadas como impossibilitadoras de uma produtiva relação das/os estudantes com o conhecimento. As inúmeras dificuldades de aprendizagem podem ser explicadas exatamente pela repetição exaustiva de tarefas curriculares sem sentido. A “*forma paralisa o movimento*” (PARAÍSO, 2015, p. 50, grifo das autoras), angustia, extenua, desanima, entristece. Essas práticas curriculares aniquilam o desejo pelo conhecimento. Acrescidas a essas dificuldades, a pandemia, o isolamento e a impossibilidade das aulas presenciais demandaram um repensar das atividades escolares. Elas precisam ser ajustadas a um novo espaço, prioritariamente o ciberespaço. A temporalidade das aulas, das atividades, das avaliações também deve ser redimensionada, novas métricas precisam ser calculadas.

No entanto, os dados da pesquisa *Trabalho Docente em tempos de Pandemia* demonstram que esse desafio ainda está por ser melhor equacionado, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Figura 1: A organização das atividades com os estudantes

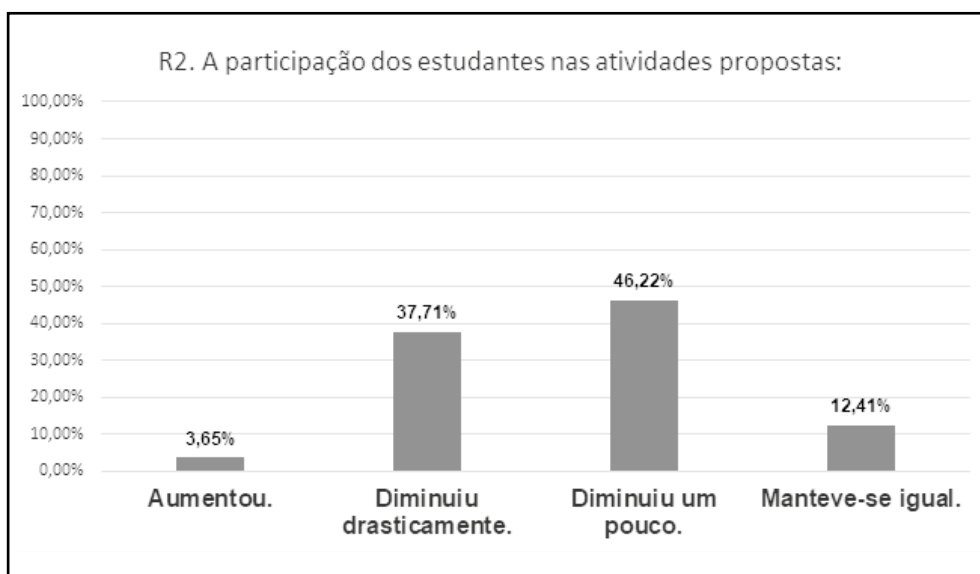


Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados da pesquisa (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 14-16)

Com relação à organização das atividades com estudantes, apenas 29% das/os respondentes afirmaram estar adaptando o conteúdo estipulado em atividades que eles consigam realizar com autonomia ou mínimo apoio. Já 11% afirmaram manter o planejamento e conteúdos estipulados antes do início da quarentena. A manutenção das atividades curriculares e sua mera transferência para o modo remoto, sem os necessários ajustes, pode acrescentar mais dificuldades para a, muitas vezes fragilizada, relação das/os estudantes com o conhecimento. Isso nos leva a fazer diversos questionamentos: Como adaptar as atividades curriculares da educação básica para o formato remoto? Como planejar a formação de crianças e jovens sem a atuação presencial da/o professor/a? Como garantir o direito à educação básica de qualidade em um contexto completamente adverso? Como oferecer condições dignas para o trabalho docente, diante de tanta precariedade e desigualdade de acesso à infraestrutura mínima?

A falta de participação das/os estudantes foi um dos elementos apontados pelas/os professoras/es entrevistadas/os como um dos nefastos efeitos da pandemia. Para a ampla maioria das/os professoras/es, 83,9%, a participação diminuiu (drasticamente ou ao menos um pouco), como pode ser visto no gráfico abaixo:

Figura 2: A participação dos estudantes nas atividades propostas



Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados da pesquisa (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 18)

A participação das/os estudantes é um dos indicadores de que as práticas curriculares estão conquistando a adesão das/os alunas/os. Quando essa participação diminui, como apontam as/os professoras/es, diminuem também as chances de que a aprendizagem aconteça. A falta de engajamento das/os estudantes com o currículo e os conteúdos

escolares também pode ser explicado pela falta de prazer. Quanto a esse aspecto, Foucault (2011, p. 327)¹ argumenta que “o saber está profundamente ligado ao prazer. Certamente que há uma maneira de erotizar o saber, torná-lo altamente agradável”. Para ele, é preciso questionar “por que a nossa sociedade tem tanto interesse em mostrar que o saber é triste” (FOUCAULT, 2011, p. 327). O próprio autor responde a esse questionamento alegando que o processo que torna o saber desagradável visa controlar e restringir quem tem acesso a ele. Em suas palavras, “é preciso, se quisermos, restringir ao mínimo o número de pessoas que têm acesso ao saber, apresentá-lo sob essa forma absolutamente desagradável” (FOUCAULT, 2011, p. 327). A análise foucaultiana aqui trazida se refere aos dilemas da relação das/os estudantes com o conhecimento, em um contexto muito diverso do que vivemos atualmente em tempo de pandemia. Se em condições antes consideradas “normais” a relação prazerosa com a aprendizagem já era dificultada nas escolas, atualmente isso parece mais desafiador. Talvez as práticas curriculares no modo remoto sejam ainda mais enfadonhas e desprazerosas para as/os estudantes, a ponto de diminuir consideravelmente sua participação nas aulas, como apontam as/os professoras/es na pesquisa (Fig. 2).

Além dessas questões, é preciso ressaltar os inúmeros desafios recentemente impostos pelo modelo de ensino remoto ao trabalho docente. Embora o modo emergencial comumente implantado nas escolas durante a pandemia não se configure exatamente como o que preconiza a educação a distância, podemos considerar as ponderações já realizadas acerca do trabalho docente nesses moldes. Uma questão já levantada no campo adverte que “o uso intenso das tecnologias de comunicação e informação torna o ensino mais complexo e segmenta-o em múltiplas tarefas” (PINTO, 2010, n.p). A intensificação do trabalho docente parece mesmo ser ainda mais acirrada no ensino remoto. Isso nos alerta para os riscos de que a sobrecarga de trabalho somada às angústias e incertezas do momento possam produzir mais sofrimento à categoria docente. Aliam-se a isso as precárias condições de trabalho docente impostas pela exploração capitalista, com contratos de trabalho desfavoráveis, baixos salários e longas jornadas, já amplamente denunciadas, conforme nos mostra Dalila Oliveira (2010).

Diante dos desafios impostos por esse contexto hostil, a educação escolar adquire uma importância ainda maior, tendo em vista que o trabalho pedagógico realizado nas escolas é um direito social duramente conquistado. No enfrentamento às dificuldades impostas pela pandemia, a manutenção dos vínculos das/os estudantes com a instituição escolar pode ser um caminho para mitigar os desastrosos efeitos que o momento nos impõe. Afinal, concordamos com Inês Teixeira de que “a docência é algo da *ordem da delicadeza*, tanto quanto é ela da ordem do humano, do político e do cuidar” (TEIXEIRA, 2007, p. 433, grifo da autora).

Diante desses dilemas, como motivar a efetiva participação das/os estudantes em um contexto adverso? Como estabelecer uma relação pedagógica em que “a palavra docente

não se fixe no monólogo, não procure a síntese ou o acordo final entre posições” (Ó, 2019, p. 3)? Como garantir a expressão do entusiasmo, paixão e amor de ensinar nas relações agora circunscritas às telas?

Algumas possibilidades inventivas

Como alternativa, como escape às formas de um currículo e seus desprazeres, propõe-se “desfazer, desconstruir e desmontar as formas dos currículos, os raciocínios que dividem e confinam e as verdades que aprisionam” (PARAÍSO, 2015, p. 56). O escape às formas de um currículo pelas linhas de força pode produzir “bons encontros em um currículo: aqueles que aumentam a potência de existir e agir de uma professora e de seus/suas alunos/as” (PARAÍSO, 2015, p. 51). Busca-se inventar outros possíveis no currículo e nele multiplicar os bons encontros para produzir alegria (PARAÍSO, 2015).

Em tempos de tantos medos e incertezas, a criação de currículos inventivos que façam transbordar a alegria e a esperança tornou-se uma necessidade, uma rota de fuga para escapar do pavor que nos assola nessa pandemia. E foi pensando em estratégias para envolver estudantes com os conteúdos curriculares propostos remotamente e, ao mesmo tempo, espalhar esperança que a Secretaria Municipal de Educação de Santa Luzia (SME), na Região Metropolitana de Belo Horizonte, /Minas Gerais, desenvolveu uma série de ações. A SME lançou no dia 8 de maio de 2020 a plataforma *Com Clique2*. O objetivo era criar um espaço de aprendizagem entre estudantes, professoras/es e escola. Um mês após o lançamento da plataforma, a SME lançou um concurso para selecionar frases motivacionais produzidas por estudantes da Rede Municipal de Ensino para enfeitar os degraus das escadas da cidade. Segundo o assessor geral da SME, Fernando Luiz Coelho, o concurso tinha por objetivo selecionar frases ou expressões que seriam transformadas em mosaicos espalhados pelas escadarias da cidade. Essa iniciativa movimentou a plataforma *Com Clique*, uma vez que as/os estudantes precisavam se inscrever através de formulário exclusivamente disponível nela, conforme é possível observar nas orientações a seguir.

Figura 3: Orientações para inscrições no projeto Compoendo os Degraus das Escadas da Nossa Cidade

	PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA LUZIA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	
PROJETO: "Compondo os Degraus das Escadas da Nossa Cidade"		
CRITÉRIOS		
1º- AS PALAVRAS/EXPRESSÕES DEVEM TER INSPIRAÇÕES MOTIVACIONAIS;		
2º- O PARTICIPANTE DEVERÁ SER ALUNO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA;		
3º- A PALAVRA/EXPRESSÃO QUE IRÁ COMPOR O DEGRAU DEVERÁ TER NO MÁXIMO 18 CARACTERES (Letras e Espaço);		
4º- PODERÁ SER ENVIADO QUANTAS PALAVRAS/EXPRESSÕES O ALUNO QUISER;		
5º- O ALUNO QUE TIVER SUA PALAVRA/EXPRESSÃO ESCOLHIDA, SERÁ CONVIDADO(A) PARA PARTICIPAR DA SOLENIDADE;		
6º- CASO A MESMA PALAVRA SEJA ENVIADA POR 2 OU MAIS ALUNOS, SERÁ OBSERVADO O ALUNO QUE ENVIOU A PALAVRA/EXPRESSÃO PRIMEIRO;		
7º- A FONTE SERÁ DEFINIDA PELA EQUIPE DE OBRAS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO;		
8º- AS PALAVRAS/EXPRESSÕES IRÃO COMPOR OS DEGRAUS DA ESCADARIA DO CURUMIM, PRAÇA DA JUVENTUDE E PRAÇA DO DUQUESA I;		
9º- AS INSCRIÇÕES SERÃO FEITAS ATRAVÉS DO FORMULÁRIO DISPONÍVEL NA "PLATAFORMA COMCLIQUE";		
10º- A COMISSÃO RESPONSÁVEL PELA ESCOLHA DAS PALAVRAS SERÁ COMPOSTA À CRITÉRIO DO SR. SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO;		
11º- AS DATAS PARA ENVIO SERÃO DO DIA 05/06/2020 À 10/06/2020;		

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Santa Luzia, MG.

O concurso movimentou estudantes da rede e possibilitou a construção de um currículo de afeto que se espalhou por meio de frases e expressões motivacionais e da certeza que com "Fé, amor e esperança" (expressões enviadas por estudante) sairemos dessa. O resultado dessa possibilidade inventiva foi uma onda de amorosidade que hoje está sendo grafada nas escadarias da cidade de Santa Luzia. Percebe-se que, para a Secretaria Municipal de Educação de Santa Luzia, MG, em tempos de pandemia, são necessários outros modos para estabelecer a relação entre estudante e escola. Modos esses que passam a relação com os conteúdos curriculares, mas que se ampliam, criando outros sentidos, outros possíveis. Além dessa, outras iniciativas foram desenvolvidas pela SME para que as/os estudantes encontrassem sentido em acessar a plataforma e se interessassem pela proposta do ensino remoto³.

Entretanto, de acordo com o assessor geral da SME, apesar dessas iniciativas houve redução do número de acessos à plataforma. Segundo Coelho, essa queda pode ser justificada pelo fato de que as escolas da Rede Municipal de Santa Luzia passaram a ofertar as atividades disponibilizadas via plataforma também no formato impresso. Desse modo, as/os estudantes e as famílias que optaram pelas atividades impressas deixaram de acessá-las por meio digital.

A experiência do município de Santa Luzia nos permite refletir acerca dos desafios impostos pela pandemia. Percebe-se que, mesmo diante da elaboração de currículos inventivos que busquem atrair as/os estudantes, a implementação do ensino emergencial

sem tempo hábil para as necessárias adaptações constitui ainda um desafio para a educação no Brasil e no mundo. Garantir o direito de aprendizagem da/o estudante e sua participação em tempos de pandemia não é algo simples e nem está assegurado apenas com a criação das plataformas digitais.

Junto a isso, a relação professor/a-aluna/o tem sido apontada como primordial para que a aprendizagem aconteça. Ela tem sido classificada como o “coração da docência” (TEIXEIRA, 2007, p. 440). Nas palavras de Inês Teixeira (2007, p. 429) “a docência se instaura na relação social entre docente e discente. Um não existe sem o outro. Docentes e discentes se constituem, se criam e recriam mutuamente”. Diante disso, entendemos que o “exercício da docência é um trabalho complexo, realizado com e sobre pessoas, com suas finalidades, intencionalidades, formas de engajamento, prescrições, programas. É uma ação baseada em vínculos” (GATTI *et al.*, 2019, p. 41).

Esses processos da relação com as/os estudantes e delas/es com o conhecimento têm sido duramente afetados pelos efeitos perversos da pandemia, do isolamento social, da suspensão das aulas presenciais e de sua provisória substituição pelas atividades remotas. Isso pode ser melhor compreendido se entendermos que o sucesso dessas relações não depende exclusivamente da dedicação e comprometimento das/os envolvidas/os. Como nos explica Inês Teixeira (2007, p. 434): “A condição docente não é um dado fixo e acabado, assim como não resulta somente das vontades. Ela vai ganhando conteúdo e forma na complexa relação entre as estruturas e os agenciamentos humanos que compõem a vida social, tal como se vê nos territórios da escola”.

Uma aposta na construção de possíveis, radicalizada ainda mais com as condições impostas pelo ensino remoto, é o trabalho coletivo. No encontro com os pares nos fortalecemos. Um outro investimento que nos parece imprescindível é o permanente exercício crítico autorreflexivo sobre nossas práticas curriculares.

Como inspiração para nossas experimentações inventivas, trazemos a análise de Jorge Ramos do Ó sobre as aulas de Michel Foucault. Segundo Ó (2019, p. 15), “Ensinar e aprender remeteriam, ali, para um exercício recíproco de assinalamento das condições de possibilidade de uma realização, fosse ela qual fosse. Um modelo assim construído seria por certo muito mais atraente que a triste escola que todos conhecemos”.

O que foi possível depreender dos resultados da pesquisa aqui analisados é que, mesmo com todas as dificuldades, parece haver ainda uma busca pelo que Jorge do Ó (2019, p. 11) nomeia de “teia encantatória” na relação docente-discente. Afinal, como conclui o Relatório Técnico (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 21), “percebe-se que o compromisso desses professores(as) com seus estudantes tem orientado a busca de meios para tornar a oferta educativa possível”.

O deslocamento provisório das atividades escolares presenciais para o ciberespaço, bem como a necessidade de adaptação das/os docentes e das/os alunas/os às novas demandas do ensino remoto, problematizaram a relação entre seres humanos e as tecnologias

digitais. Para Siqueira e Medeiros (2011), quanto mais íntima a relação das pessoas com as tecnologias digitais, maiores as possibilidades do surgimento de outros significados para a vida humana. Dentre as novas criações que emergem da relação humano-máquina está a/o ciborgue, que Donna Haraway conceitua como “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2000, p. 40). Em tempos de pandemia, de isolamento social, de suspensão de atividades essenciais como a escola, a vida ganhou contornos cada vez mais conectados. Estudantes, mães, pais, professoras/es, as/os que dominavam com desenvoltura as tecnologias digitais e as/os que não sabiam por onde começar, encontravam-se agora diante de um mesmo desafio: realizar atividades de ensino e aprendizagem no ciberespaço. Todas as pessoas, de algum modo, viram suas vidas atravessadas pelas tecnologias digitais neste período. O imperativo da ciborguização das relações humanas radicalizou-se durante a pandemia. Quando as luzes do mundo se apagaram por causa do isolamento social, as telas garantiram que as relações fossem, de algum modo, restabelecidas.

De acordo com a pesquisa, as ferramentas tecnológicas têm sido forte aliadas das/os professoras/es durante a pandemia e “Com a suspensão das aulas presenciais [...], o domínio dessas tecnologias tornou-se necessidade básica” (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 9). Entretanto, a relação com as tecnologias digitais para realizar/desenvolver atividades remotas também se mostrou um desafio para professoras/es e estudantes. Questionadas/os sobre a experiência com aulas remotas, as/os professores indicaram ter bastante dificuldade em produzir os conteúdos. E sobre lidar com as tecnologias digitais, “somente 28,9% dos/[as] respondentes afirmam possuir facilidade para o seu uso” (GESTRADO-CNTE, 2020, p.9).

Embora haja dificuldades em utilizar os artefatos tecnológicos, o que compreendemos desse período de pandemia é que as tecnologias digitais têm apresentado possibilidades para viabilizar, ainda que precariamente, alguma relação das/os estudantes com a escola, com as/os professoras/es e com o conhecimento. Mais do que mediar essas relações, as tecnologias digitais têm possibilitado outras configurações de vida em tempos tão sombrios, elas têm nos ajudado a entender que “o mundo não acabou” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 206). Quem pode cumprir as diretrizes sanitárias da quarentena segue isolada/o, porém, “pessoas conectadas em suas casas não cessam de criar, reinventar a vida e as relações profissionais e pessoais” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 209). Conforme conclusões da pesquisa que subsidiou a escrita deste artigo, essa experiência tão nova e assustadora que a vida nos impôs “pode significar um importante crescimento e amadurecimento profissional” (GESTRADO-CNTE, 2020, p. 21).

Tudo isso precisa ser analisado dentro do contexto amplo em que o trabalho docente se desenvolve. As criações curriculares de enfrentamento aos desafios impostos pela pandemia precisam se alicerçar em políticas educacionais que garantam dignas condições

de exercício da profissão docente. Dentre elas, destacam-se “políticas consistentes de carreira, salário e das condições da própria vida escolar: infraestrutura, materiais didáticos, apoios pedagógicos, respeito ao seu âmbito de ação com vistas a instauração de uma gestão democrática, com espírito de cooperação” (GATTI *et al.*, 2019, p. 42).

Parando em algumas palavras

[...]
Amor-Coragem
Que é alicate
Cortando cerca
De qualquer pastagem
Amor-Coragem
Que age
Sem máscara e sem disfarce,
Que escreve na própria face
As marcas da vida
Essa ideia fudida
De propriedade
Vai deixar de existir
Coragem, amor, coragem
Pois as pernas são pra caminhar
Pra correr da repressão
pra pular catraca,
dançar na rua,
subir ladeira,
chutar bomba de opressão [...]
Coragem amor, coragem
Pra derrubar as dores que perseguem esses dias
Pra derrubar a apatia [...]
Mas é que a coragem é assim:
Rebelde
ousada [...]
E quando se junta com amor
Ela é o que há de mais revolucionária
Coragem amor, coragem..
Pedro Bomba⁴

O sobrenome contundente do poeta em epígrafe nos convoca a inúmeras reflexões. Bomba! A epidemia que nos assola despencou sobre nós como uma bomba. Estilhaçou e

se espalhou microfisicamente. Atingindo a todas/os. O mundo todo. Mas Bomba, o Pedro, no fragmento que selecionamos aqui não nos fala desse tipo de destruição. Diz de outras forças: o amor e a coragem. Isso nos inspira e mobiliza. Afinal, educar especialmente em tempos de pandemia, exige de nós amor e coragem. Amor para ouvir atenta e verdadeiramente as pessoas que compõem as cenas educativas. Dialogar honesta e respeitosamente com elas. Ter empatia com as inusitadas dificuldades de se existir em tempos tão hostis. Amor e coragem, juntos em par, para flexibilizar as práticas curriculares. Para criar inusitadas possibilidades inventivas.

A potência do par amor e coragem também está nas palavras de outro autor bombástico em seus efeitos: nosso patrono Paulo Freire. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1984, p. 96). Freire nos ensinou enormemente sobre possibilidades de existências dignas em enfrentamento às injustas condições vigentes. Ele é um autor que nos impulsiona para a luta, que nos instrumentaliza para a elaboração de práticas curriculares significativas e transformadoras. Ele argumenta que “A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte” (FREIRE, 1997, p. 74).

As lutas são imensas. Além dos efeitos nefastos da pandemia, o acirramento das desigualdades sociais e todas as consequências do extenso período de distanciamento social, temos em curso duras ameaças à qualidade da educação pública brasileira. Nos limites deste artigo, conclamamos o cumprimento do Plano Nacional de Educação, Lei 13.005 de 2014. Muitas de suas metas, democraticamente estabelecidas, tiveram o prazo expirado, sem que fossem efetivadas. Precisamos garantir seu cumprimento. Outra luta importante é a revogação da Emenda Constitucional 95, aprovada em 2016 e que congela por longos 20 anos os investimentos em saúde e educação. É preciso garantir financiamento que proporcione condições adequadas de infraestrutura, formação permanente e salário digno para todas/os as/os profissionais da educação. Nos unamos nessas e em outras lutas que por ventura surgirem.

Assim, inspiradas por todas as bombásticas palavras que trouxemos neste tópico do artigo, paramos nossa escrita aqui, na esperança de que ela possa contribuir para a compreensão do presente. Desejamos ainda que ela possa fortalecer as/os educadoras/es, que, como nós, anseiam por transformar a dura realidade que nos assola. Sigamos juntas/os, criando corajosamente práticas formativas, vivenciando amorosamente a educação e, com tudo isso, consolidando o engajamento das/os estudantes com o currículo escolar. Seja qual for nosso território.

Recebido em: 07/10/2020 e Aprovado em: 10/11/2020

Notas

- 1 Original publicado em 1975.
- 2 Conheça mais sobre a plataforma Com Clique por meio do link: <<https://sites.google.com/view/comclique-santaluzia/in%C3%ADcio>>. Acesso em: 08 set. 2020.
- 3 Outros projetos desenvolvidos na plataforma Com Clique em Santa Luzia/MG: Mural Com Clique. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/comcliquesantaluzia/mural-com-clique>>. Concurso para eleger personalidades luzienses para a Calçada da fama. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/comcliquesantaluzia/cal%C3%A7ada-da-fama>>. Fale com a gente. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/comcliquesantaluzia/contato>>. Acesso em: 25 set. 2020.
- 4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XT_WMQsize1g>. Acesso em: 25 set. 2020.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer Conselho Nacional de Educação nº 05/2020*. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 28 set. 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilene; CRUZ, Ingrid. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da Covid-19. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega a escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla. (Org.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVANGELISTA, Gislene R. #CurrículoDoFacebook: denúncia de crise e demanda pela reforma do o Ensino Médio na linha do tempo da escola. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FOUCAULT, Michel. Radioscopia de Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos. Volume VII - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 323-342.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FUNDAÇÃO Telefônica Vivo; REDE Conhecimento Social; IBOPE Inteligência. *Juventudes e Conexões*. 3.ed. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo, 2019. Disponível em: <<http://fundacaotelefonicaativo.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventudes-e-conexoes-3edicao-completa.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

GATTI, Bernardete A. et al. *Professores do Brasil: novos cenários de formação*. Brasília: UNESCO, 2019.

- GESTRADO-CNTE. *Trabalho docente em tempos de pandemia: relatório técnico*. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_v03.pdf>. Acesso em: 8 set. 2020.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira- 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- INEP. *Panorama da educação: destaques do Education at a Glance 2020*. [recurso eletrônico]. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484154/Panorama+da+educ%C3%A7%C3%A3o+destaques+do+Education+at+Glance+2020/0fe68ced-a57d-48da-9c2b-cd90be9d12c3?version=1.0>>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazeres escolares em exposição nas redes e a educação online como perspectiva. *Redoc*, Rio de Janeiro. v. 4. n. 2, pp. 215-224, mai./ago. 2020.
- Ó, Jorge R. do. Ouvir falar o pensamento, aprender a falar o pensamento no interior da universidade: o testemunho dos “professores” Michel Certeau, Gilles Deleuze, Michel Foucault e Roland Barthes. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 24, e240021, maio de 2019.
- OLIVEIRA, Dalila A. Condições de trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Não paginado. Disponível em: <<https://gestrado.net.br/verbetes/condicoes-de-trabalho-docente/>>. Acesso em 07 Nov. 2020.
- PARAÍSO, Marlucy. Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, pp. 587-604, agosto de 2010.
- _____. Um currículo entre formas e forças. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, pp. 49-58, jan.-abr. 2015.
- PINTO, Maria José B. Trabalho docente virtual na educação a distância. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Não paginado.
- SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves; MEDEIROS, Márcio Felipe Salles. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. *Configurações*, Minho, v. 8, p. 11-32, 2011.
- TEIXEIRA, Inês. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, ago. 2007.